

TEORIA DA ARTE

Giulio Carlo Argan

**ARTE
E CRÍTICA DE ARTE**



EDITORIAL ESTAMPA

INTRODUÇÃO

Comecei cedo a colaborar em enciclopédias, há quase cinquenta anos, e para dizer a verdade, não foi propriamente por vocação. Trabalhei primeiro para a velha Treccani, cuja secção de História da Arte era magistral e severamente dirigida pelo grande medievalista Pietro Toesca; depois, para a Enciclopedia Universale dell'Arte da Sansoni como director do sector moderno, e depois para muitas outras enciclopédias italianas e estrangeiras de que já nem me recordo. Por último, para a Enciclopedia del Novecento, concebida e dirigida por Vincenzo Cappelletti com uma lúcida e firme consciência das forças em contraste na actual conjuntura cultural. Desta foram extraídos os dois longos artigos sobre as correntes da arte e os desenvolvimentos da crítica da arte do Ocidente no século XX. A inesperada reimpressão fez-me recordar aquele período que, de má vontade, mas não sem proveito, dediquei às enciclopédias: como simples autor de "entradas" ou como director, redactor, membro das equipas de projecto.

No nosso século, e talvez em Itália mais do que em qualquer outro lugar, foram elaboradas muitas, provavelmente até demasiadas enciclopédias, gerais e especializadas. Evidentemente a cultura do século XX, que morre com o milénio, tem a necessidade ou o gosto de fazer balanços consuntivos e preventivos: esperemos que não se tratem de

testamentos. Cada enciclopédia que nasce tem o seu eixo dito metodológico que é afinal essencialmente ideológico, embora não o seja de forma expressa; e por princípio afirma-se imparcial e pluralista, mas de facto constitui um grupo de poder, já que a escolha dos redactores e colaboradores ocorre, pode dizer-se, por cooptação, e está certo que assim seja, se se quer que a obra tenha um plano coerente. Geral ou especializada, uma enciclopédia justifica-se pela hipótese de uma substancial afinidade entre cada uma das disciplinas autónomas que, sem sacrifício da própria especificidade, deveriam constituir, todas juntas, o sistema global do saber. Mas será que existe ainda um sistema global do saber? E poderemos estar seguros de que subsistirá num futuro próximo?

Que pululem enciclopédias de divulgação e de compilação, derivadas das grandes e concebidas como repertórios de notícias às vezes até correctas e úteis, é mais do que natural; também a cultura e a investigação científica, queira-se ou não, constituem uma mercadoria. Fazer uma enciclopédia toda em primeira mão é uma grande e arriscada empresa financeira. Trata-se de investir em cultura avultadas quantias que só alguns anos depois começarão a reentrar, a render, a poder ser reinvestidas na prossecução de uma obra cujo êxito e cuja duração, embora se tente calculá-los, permanecem forçosamente aleatórios. E qual é a base dos cálculos? A seriedade dos contributos, naturalmente, não corre risco. Os factores de segurança são outros: a escolha a priori das metodologias mais avançadas e a clareza do plano geral. É óbvio que a entidade editorial não se pode permitir financiar pesquisas originais em todos os ramos do conhecimento, mas também não pode limitar-se a dar conta do estado das pesquisas específicas nas várias disciplinas. Por outro lado, nos seus diferentes sectores, aquelas disciplinas são tratadas com uma amplitude e uma precisão bastante maiores do que é exigido por quem deseja uma informação, embora boa.

sobre o estado da cultura contemporânea. Situando-se, em suma, entre saber adquirido e pesquisa especializada, avançada e talvez até de vanguarda, a originalidade de uma enciclopédia consiste essencialmente em individualizar e expor o grau de combinabilidade de cada disciplina: ou seja, o lugar e a função que podem ter no sistema global do saber. Quanto à duração de validade, a questão é mais complexa: a melhor maneira de assegurar a uma enciclopédia uma longa vida consiste obviamente em colocá-la nas mãos dos mais qualificados expoentes das metodologias mais avançadas. A prudência e a cautela são, não só em matéria de enciclopédias mas em geral para a cultura, péssimas conselheiras. Mas não existe garantia: uma descoberta ou uma invenção revolucionárias, um grande acontecimento político podem determinar uma inflexão radical e repentina no próprio percurso das ciências e determinar uma obsolescência precoce de enciclopédias embora moderna e corajosamente estruturadas. Existem algumas, ótimas, que envelhecem antes de os últimos volumes estarem prontos. Em breve, cada enciclopédia à qual se queira garantir um máximo de duração deverá ser concebida como um instrumento e não como um produto, ainda que discretamente bom, da cultura contemporânea. Já passou o tempo das *summae universali*; hoje não conta a estabilidade ou a certeza, mas a problematidade da cultura. Com efeito, é o problematismo que constitui, ou, pelo menos, constituiu, a característica marcante da cultura do nosso século: mais do que qualquer outra, reflecti-lo-á a enciclopédia que deixar em aberto muitas apreciações sobre o ulterior processo da cultura, e talvez até acerca da sua crise progressiva. Todavia, a problematidade da cultura do nosso século não reside tanto nas metodologias das disciplinas que a compõem, e que o mais das vezes operam como sólidas e ágeis estruturas de pesquisa, quanto na relação interdisciplinar que deveria constituir o sistema geral do saber: que sistema unitário se poderá al-

guma vez compor se já se fala de irrelatividade, para não dizer incompatibilidade, entre disciplinas históricas e disciplinas científicas, como se só umas ou outras e não todas pudessem ser científicas, ou entre ciências que operam com equipamentos tradicionais e as que operam com computador?

A provar um certo mal-estar por ver as respectivas disciplinas reduzidas a peças de um mosaico séctil está o comportamento dos colaboradores. Os especialistas, ou a maioria deles, não se mostram nada entusiasmados ao serem convidados a colaborar numa grande enciclopédia; perante o pedido recalcitram, se lhes é rogado resistem, quando instados divagam e, invariavelmente, atrasam a entrega muito além dos limites da paciência, mas na verdade é difícil que renunciem tout court, ou que no último momento faltem com o contributo prometido. Para os fazer capitular, a melhor arma é a chantagem: infelizmente, diz-se-lhes, terá de se pedir a um colega, talvez até a um rival, a “entrada” directamente relativa aos assuntos que lhe são mais queridos. Não, isso não pode aceitar, sacrificar-se-á a escrever a maçadora “entrada”. E é compreensível, pois se uma boa enciclopédia constitui uma referência fundamental durante um período mais ou menos longo, nada mais humano para um estudioso do que desejar que as suas teorias, as suas hipóteses, as suas descobertas vigorem pelo menos por alguns anos. Não se trata apenas de ambição: indicar os pontos de chegada de uma pesquisa científica significa orientar e projectar a investigação ulterior e, quase sempre, prosseguir uma pesquisa significa estendê-la para além dos seus limites tradicionalmente aceites e estabelecer contactos com outras disciplinas. E o que as une tornando-as um sistema coerente, se não homogéneo, é, não um fundamento ou um conjunto de postulados comuns, mas o mesmo nível de problematicidade.

Não foi por causa de uma saturação da procura do público que o enciclopedismo do nosso século entrou em crise: a crise está-se a verificar e afecta todo o tipo de cultura, de

que o enciclopedismo é um dos aspectos mais marcados. Aquela modalidade era a expressão — e, ao mesmo tempo, o maior factor de difusão, de relação activa com a sociedade — da cultura laica e iluminista, que se afirmou no século XVIII e que, afastando definitivamente o dogma, afirmou ser a crítica o comportamento típico de todo aquele que realiza uma actividade cultural. Não foi por acaso que a cultura iluminista concebeu e forjou a máquina adequada para atingir os seus fins: e foi precisamente a Enciclopédia de D'Alembert e Diderot, na qual Franco Venturi viu, justamente, mais do que um produto, um projecto de cultura. E a qual, directa ou indirectamente, constitui o modelo de todas as enciclopédias do século passado e do presente. A cultura, que se diz de massas e que cada vez mais se propõe como substituta da cultura "moderna" dita ultrapassada, recusa como não científica qualquer disciplina histórica, nega qualquer finalismo à ciência e, conseqüentemente, exclui o carácter projectual como elo de ligação entre experiência do passado e expectativa do futuro. Substitui o termo "progresso" por "programa", o qual, embora admita a dedução e a hipótese, remove os impulsos éticos da intencionalidade.

A ciência moderna organiza-se inteiramente com base na própria tecnologia electrónica, que acaba assim por assumir o valor de metodologia. Sem pretender formular juízos, bastará observar que um banco de dados não é uma enciclopédia universal, mas uma anti-enciclopédia radical. Estaremos a encaminhar-nos para um novo saber dogmático, uma cultura da suma, garantida já não pela sapiência divina, mas pela impiedosa infalibilidade das máquinas electrónicas? Sendo intrinsecamente crítico, o enciclopedismo de origem iluminista era fortemente selectivo, operando com dados mnemónicos muitas e repetidas vezes examinados: a história, desde a origem, é essencialmente crítica das fontes, e quase sempre as fontes a que o historiador tem acesso são já o produto de uma voluntária ou inconsciente selecção. Precisa-

mente por isso quem fazia uma enciclopédia dava tanta importância à personalidade dos colaboradores, procurando que fossem os maiores protagonistas da investigação científica. Reconhecia-se que a cultura histórica é constitucionalmente redutiva, mas pretendia-se que a redução não fosse um encurtamento arbitrário. E precisamente o facto de estar persuadido de que a cultura era redutiva e procedia por sínteses, legitimava o encargo das enciclopédias, que era elaborar a síntese das sínteses, a definição de um sistema que por sua vez deveria ser um conjunto de sistemas.

O cientista que trabalha servindo-se dos meios da informática procede também ele por escolhas e reduções, mas com critérios nitidamente diversos, não de tipo historicista mas estatístico. Não trabalha com os livros mas com o vídeo, os quadros sinópticos, os maços de fichas perfuradas: a fim de evitar o discurso que acabaria sempre por se tornar histórico, evita mesmo a verbalização, a expressão linguística. E exclui qualquer finalidade que não seja imediatamente a da pesquisa: efectivamente, se estivesse aquém dos limites já definidos da disciplina, essa finalidade seria óbvia; se estivesse para além deles, seria arbitrária. (É por isso, infelizmente, que os muitos cientistas pagos para estudar e fabricar armas mortíferas recusam como não-científica qualquer deontologia ou finalidade humanitária da ciência.)

Como explicar o extraordinário florescimento de enciclopédias numa conjuntura cultural que, com toda a probabilidade, assinalará o fim do enciclopedismo de origem iluminista? Ou será de considerar este abundante florescimento como uma última e desesperada defesa da cultura historicista, interpretativa, crítica, sintetizante, que vê para a própria liberdade de pesquisa um grave perigo no avanço (já irreversivelmente difundido) de uma cultura, a cujas actualizadíssimas metodologias-tecnologias corresponde, depois, a discutível objectividade da estatística e da descrição? Criticismo laico contra dogmatismo ateu: é este, em última aná-

lise, o sentido do actual contraste entre enciclopédia e banco de dados?

Um dos sinais de uma denodada vontade de defesa do liberalismo cultural das enciclopédias é certamente o multiplicar de enciclopédias especializadas — para a arte, a arqueologia, a ciência, a filosofia, etc. — que reúnem disciplinas afins e têm, geralmente, um elevado nível científico também porque são o fruto da colaboração dos estudiosos e das suas escolas universitárias. Têm o mérito, entre muitos outros, de fornecer, com a análise crítica da precedente, a base de partida da pesquisa ulterior. São produtos típicos de pesquisa interdisciplinar que demonstram ao mesmo tempo a dificuldade de formar e de concluir um sistema homogéneo do saber.

A empresa mais nova, audaciosa e perigosa foi, sem dúvida, aquela que o Instituto da velha Treccani tentou com a Enciclopedia del Novecento, da qual foram extraídas as duas “entradas” sobre arte e crítica de arte, que a Laterza quis reeditar. Pela primeira vez fez-se a enciclopédia da cultura de um século, e é lógico que a extrema dificuldade do empreendimento tenha imposto transformações radicais também no plano estrutural: um número relativamente limitado de lemas, cada um dos quais compreende, no entanto, toda uma série de temáticas. Existem ou não afinidades profundas ou convergências finais entre os processos evolutivos de disciplinas fortemente diferenciadas, como são as que constituem o complicado cloisonné do saber contemporâneo? E poder-se-á detectar em todas essas disciplinas uma mesma e deliberada intenção de modernidade? E será oportuna essa empresa neste final do século XX, do qual três quartos se passaram entre guerras, revoluções, descobertas e invenções revolucionárias e o último quarto, anunciando-se ainda, mais agitado, questiona os conceitos fundamentais de ética, política, arte, cultura e os próprios valores fundamentais do conhecimento e da moral? Que du-

ração terão hipoteticamente calculado os projectistas desta obra colossal, que pretende descrever e julgar um século que está a morrer com o milénio?

Cappelletti e a sua equipa de projecto não se propuseram colher a flagrância do contemporâneo como se preparassem para os historiadores vindouros um testemunho para a memória futura: com melhor inteligência crítica procuraram compreender por que razão este século não só é cronológica como programaticamente moderno, fazendo até da modernidade o próprio assunto ideal, para depois a denunciar como falsa consciência ideológica. Era claro que a aversão dos novos teóricos da comunicação (e cultura) de massas não atingia tanto a abstracta categoria de "moderno" quanto a ideia de historicidade presente e em acto que aquela categoria implicava, sendo a história, substancialmente, o pensamento presente do passado. Assim, o esforço de quantos traçaram o plano daquela enciclopédia do moderno visava demonstrar que o incontestável atraso das disciplinas humanísticas, em relação àquelas que pretendem o monopólio do científico, dependia sobretudo do facto de as primeiras terem descurado a renovação das suas metodologias e processos de pesquisa tradicionais, que certamente podiam ser renovados sem mudar as grandes estruturas de base e as finalidades últimas do saber. Não se contestava a importância de manter o princípio da especialidade e da autonomia de cada disciplina, mas pretendia-se demonstrar que a sua convergência e a sua combinação num sistema unitário era ainda possível, desde que o sistema não fosse uma entidade fechada e bloqueada mas um ágil organismo dialéctico. A harmonia ou as simetrias do sistema não deviam certamente ser dadas a priori como verdades dogmáticas; deviam, pelo contrário, convergir no termo de uma resenha crítica das ideias e dos factos do século. Eis o motivo por que a enciclopédia, cujo próprio título parecia conter a contradição, mais ainda do que um projecto, era

uma hipoteca sobre o futuro próximo da cultura, mas também uma posição conquistada e firmemente mantida contra o avanço da cultura dos meios de comunicação.

O Instituto dell'Enciclopedia Italiana, desde sempre administrado com parcimoniosa sagacidade, arriscou muito ao apostar na cultura moderna, não podendo ignorar que já tinha nascido e estava a tornar-se cotada uma cultura declaradamente pós-moderna. Os seus directores científicos aperceberam-se de que, precisamente pela sua vontade de ser a todo o custo moderna, a enciclopédia do moderno arriscava-se a ser obsoleta ainda antes de estar concluída. Chamaram a colaborar os estudiosos que pareciam mais despreconceituadamente progressistas e não lhes recomendaram moderação nem cautela, mas coragem. Desta vez não se tratava de fazer uma imponente resenha do saber, mas de sustentar, mesmo polemicamente, que a cultura estruturalmente historicista podia renovar-se reformulando as suas metodologias e tecnologias; a superação por parte de uma cultura diversamente estruturada e equipada era certamente possível, mas se aquela cultura tivesse tentado ultrapassar a antiga sem a criticar, ter-se-ia esgotado no tecnicismo da sua própria tecnologia.

Os estudiosos que, para as diversas matérias, foram chamados a colaborar compreenderam a importância da aposta em jogo: não foi preciso, asseguram-me, recorrer aos habituais expedientes redactoriais para os convencer a participar na primeira pessoa. Da minha parte, tendo-me sido confiada a tarefa de redigir o referido balanço da arte contemporânea e da crítica que constituía o respectivo complemento conceptual, fiz o meu melhor procurando entrar no espírito daquela difundida análise da modernidade constitutiva da cultura moderna ou, mais precisamente, do seu agitado devir, mau grado os repressivos impulsos contrários de poderosas forças políticas e económicas. Não escondo ter dado à minha resenha uma formação de batalha e não

de parada. Propus-me dar um contributo à luta por uma intrínseca politicidade da cultura que, afinal, é um só com o seu criticismo estrutural e originário. Se o consegui não compete a mim dizê-lo.

Roma, Março de 1984.

Giulio Carlo Argan